

Desafios 23

Cadernos de trans_ formação
janeiro de 2018



CATOLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA
PORTO



Projeto COPA – Colaborar para Aprender

*As Vivências de Des_ envolvimento no Agrupamento
de Escolas da Maia*



*Narrativas e evidências de um Horizonte de
possibilidades*

ISSN: 2183-7406

Ficha técnica

Título: Projeto COPA – Colaborar para Aprender | As Vivências de Desenvolvimento no Agrupamento de Escolas da Maia

Direção: José Matias Alves

Coordenação e organização deste número: José Matias Alves e Ilídia Cabral

Composição: Francisco Martins

Editor: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

Data de edição: janeiro de 2018

Local: Porto

Rua Diogo Botelho, 1327 | 4169-005 | Porto | Portugal

Foto de capa: Foto da autoria de José Matias Alves aos participantes da última sessão.

ISBN: 2183-7406

Índice

Nota de apresentação	4
Projeto COPA - Cooperar para aprender.....	9
Observação de aulas entre pares: apontamentos sobre uma experiência	9
Coragem e Oportunidade.....	14
Tecer a Confiança que nos faz crescer	15
PROJETO COPA -“Colaborar para aprender”	17
COPA: Horizonte de descoberta e gratificação	19
Testemunho da participação no projeto COPA - Colaborar para aprender.....	22
Anexos	27

Nota de apresentação

Quando os professores se descobrem e inventam autores – 4 notas de reconhecimento e incentivo

José Matias Alves e Ilídia Cabral¹

Ver para crer.
Crer para ver.
(Vergílio Ferreira)

Fullan e Hargreaves (2001) afirmam que, mais importante do que conseguir afastar professores ineficazes, é perceber como se podem preparar, sustentar e motivar bons docentes ao longo da carreira.

A solução que propõem tem a ver com o conceito de *profissionalismo interativo*, com o propósito de desenvolver uma perspetiva mental diferente, que resulte em novas formas de pensar e agir, capazes de permear a vida quotidiana das escolas. Porque o ensino não pode ser estandardizado, preconizam uma ação baseada na experimentação de novas abordagens: experiências informadas, busca de rumos promissores e testagem e redefinição de novas estruturas. Sugerem, para isso, um conjunto de orientações para os professores, considerando que são eles o alicerce de qualquer solução a longo prazo:

- Localize, escute e articule a sua voz interior.
 - Pratique a reflexão na ação.
 - Desenvolva uma mentalidade orientada para o risco.
 - Confie nos processos, bem como nas pessoas.
 - Ao trabalhar com os outros, aprecie a pessoa na sua íntegra.
 - Empenhe-se em trabalhar com os seus colegas.
 - Procure a diversidade e evite a balcanização.
 - Redefina o seu papel, de modo a incluir responsabilidades fora da sala de aula.
 - Equilibre trabalho e vida privada.
 - Pressione e apoie os diretores e outros administradores, no sentido de desenvolverem um profissionalismo interativo.
 - Empenhe-se no aperfeiçoamento contínuo e na aprendizagem permanente.
 - Monitorize e fortaleça a ligação entre o seu desenvolvimento e o dos alunos.
- (Fullan e Hargreaves, 2001, p.113)

Esta proposta de *profissionalismo interativo* centra-se como vimos no professor enquanto pessoa. Parece-nos fundamental esta conceção de desenvolvimento profissional centrado na valorização de qualidades humanas e nas relações que as pessoas estabelecem nos seus contextos de trabalho. Mas as pessoas não mudam de um dia para o outro e, por isso, a mudança na escola terá que ser inevitavelmente lenta e voluntária porque os professores só alterarão os seus modos de agir e de trabalhar se encontrarem na mudança algum sentido e alguma gratificação.

Raposo; Ana (2012). PROFESSORES E CONTEXTOS DE TRABALHO: COMO SE TECE A AÇÃO DOCENTE NUMA ESCOLA EM MUDANÇA. Lisboa: UCP (dissertação de mestrado não publicada)

¹ Centro de Estudos em Desenvolvimento Humano da Universidade Católica Portuguesa

Partindo de duas citações que muito nos inspiram, organizamos este texto de apresentação de algumas narrativas de professores que viveram *por dentro* o projeto COPA – Colaborar para Aprender para assinalar as suas 4 marcas de água ².

Um desafio desejado

A primeira marca tem a ver com um desafio desejado pela direção da escola, e em particular pelo seu diretor, certamente induzido por professores que continuam a pensar que não se reveem como funcionários às ordens de orientações superiores.



É, pois, um projeto que nasce de *baixo para cima*, da vontade interna de ensaiar, num registo de liberdade, uma prática de interação e desenvolvimento profissional, em larga medida decidida e deliberada pelos próprios professores.



Clarificado o desejo, ocorreu uma reunião alargada de docentes onde dois professores da Faculdade de Educação e Psicologia (Ilídia Cabral e José Matias Alves) apresentaram finalidades, princípios e possibilidades de construção e desenvolvimento. E um elenco de recursos e possibilidades que os professores analisariam e decidiriam (ou não) adotar.

Estes *amigos críticos* pontuariam com a sua presença o desenvolvimento do projeto numa lógica de suporte, reconhecimento, análise e abertura de possibilidades geradas do diálogo entre a teoria e as circunstâncias da ação.



Sempre sob o signo da liberdade. Cada professor escolheria um par (de qualquer grupo de recrutamento), o par definiria o

² Para uma compreensão do COPA, ver https://www.academia.edu/29864675/P%C3%A1gina_1_de_8_Projeto_COPA_Colaborar_Para_Aprender?auto=download

objeto, o calendário e a metodologia de observação. E só prestariam contas à sua consciência profissional.

Um desafio construído

Sendo um desafio nascido da liberdade, ele nunca poderia ser imposto nem assumir o padrão da estandardização. Cada par iria ser o autor das ações que acordassem. E seriam desenvolvidas em função dos desejos e das possibilidades. Nas narrativas que alguns professores decidiram construir é visível esta outra marca de água da construção profissional e humana, sempre única, sempre diversa. Fernando Pessoa poderia dizer *tudo é diferente de nós e por isso é que tudo existe*. E aqui também é verdade. É a diversidade e a diferença que são o sal de terra, isto é, que dão saber e sabor a esta prática de desenvolvimento profissional.



Um desafio vencido

Não obstante o tempo de desenvolvimento do projeto ter sido em certa medida crítico [o final de ano e o início criaram dificuldade no encontro de monitorização], é certo que para os autores das narrativas que aqui se apresentam este foi um desafio gratificante que a todos enriqueceu. Nas palavras dos participantes na sessão final de dezembro de 2017:



Uma mais valia; muito positivo; o valor da liberdade de ter podido escolher o par, o foco da observação; o diálogo; a identificação dos pontos a aperfeiçoar; a planificação conjunta; a reflexão sobre as práticas; a pesquisa; (ainda que preveja a dificuldade de encontrar novo par....)

Aprenderam muito uma com a outra, fazendo... descobriram que tinham muita coisa para melhorar; a prática da colaboração aplicaram-na aos alunos, na promoção do trabalho colaborativo em grupos de geometrias variáveis; pois os alunos aprendem uns com os outros; as principais aprendizagens: melhor gestão do tempo de aula pois verificaram a *décalage* entre o tempo dado para a

tarefa/resposta e a necessidade de outro tempo para a realização; destacam a empatia profissional gerada, o valor da interação profissional; e da interação entre alunos.

No COPA foi possível o apoio tutorial aos alunos; o aprender a confiar; são precisos espelhos na sala de aula que nos permitam ver ...

Muitas vantagens; esforço de aprendizagem; estratégias de implicação dos alunos; o problema de colegas professores que chegam que chegam à escola e querem o *peixe assado*, não a cana... a para pescar.... E a resistência a outros modos de trabalhar é muita.

Projeto com muitas bondades; relata um episódio de uma prática clínica que a envolveu e que pôs em discussão dois médicos que produziram na sua presença argumentação sustentada (tinham-lhe feito diagnósticos muitos diferentes e como trabalhavam na mesma clínica houve uma confrontação deliberada....); ora os professores não sabem o que fazem; não sabem diagnosticar; fundamentar as decisões.... O COPA ajuda a refletir e a pensar, a fundamentar opções curriculares e estratégias; induz à prática de um professor investigador; sublinhou a leveza da arquitetura do COPA; a fragilidade que notou foi a falta de continuidade, suporte, monitorização mais continuada... deveria ter havido sessão no final do ano [não houve pelas dificuldades inerentes ao final de ano....];

Um desafio à espera

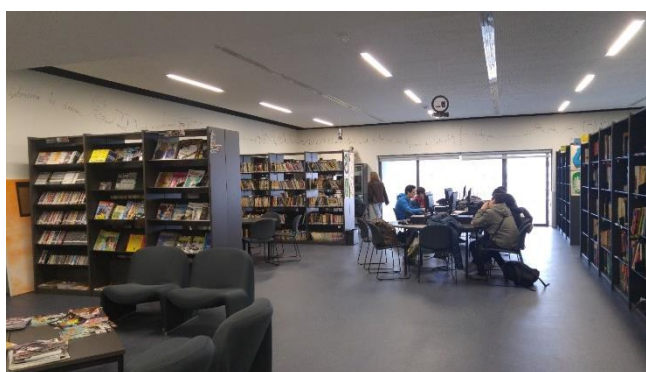
Cumprido (e vencido) este desafio coloca-se a questão *que fazer a seguir?* Seguindo a lógica do programa o futuro não pode ser prescrito, só pode ser desejado e organizacionalmente criado.

Por isso, parece-nos importante

- a) Que a direção da escola ausculte ativamente os professores que querem prosseguir numa dinâmica desta natureza; ´
- b) Que crie condições de horário para que os professres se possam encontrar antes, durante e depois da interação em sala de aula;
- c) Que este tempo seja considerado tempo de trabalho organizacionalmente promovido e valorizado porque esta é uma das melhores formas de desenvolvimento profissional;
- d) Que divulgue amplamente estes depoimentos nos órgãos formais da escola (conselho geral, conselho pedagógico, depatamentos....) de modo a incrementar

a divulgação interna de uma prática autoral e gerar o diálogo de aprofundamento e esclarecimento.

e) Que se organize uma sequência de ações que coloque em marcha uma nova série de práticas de interação e desenvolvimento profissional.





Projeto COPA - Cooperar para aprender

Observação de aulas entre pares: apontamentos sobre uma experiência



Ana Duarte³

“Todo o professor é “imperfeito”, no sentido mais original do termo, (...) “inacabado” e em “processo de aperfeiçoamento”.

Zabalza, *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*

Professores que, num cenário clínico, alternando os papéis de observador e de observado e dentro de uma ampla liberdade de escolha, quer do(s) foco(s) a considerar durante a observação, quer das técnicas e dos instrumentos a utilizar, decidem frequentar mutuamente as suas aulas para obter um melhor entendimento dos seus “fazer” pedagógicos e, assim, poderem questionar, alterar ou fundamentar a adequação destes aos públicos que ensinam. Como o objetivo, aqui, é o de conseguir que os alunos realizem mais e melhores aprendizagens, os resultados conseguidos com uma aplicação sistemática do modelo traduzir-se-ão, no médio-longo prazo, num bem coletivo para a instituição.

³ Professora há 29 anos, a ensinar língua francesa a alunos e alunas do 3º ciclo da Escola E.B. 2,3 de Gueifães, no período em que decorreu a experiência.

O COPA: um aliado dos professores

Um caminho seguro para o desenvolvimento profissional docente

O Projeto COPA foi apresentado aos professores do Agrupamento onde ensino como uma possível dinâmica de trabalho colaborativo e formativo entre pares, e também como alavanca para a introdução de uma cultura de acompanhamento e orientação da prática pedagógica em contexto de sala de aula, ainda incipiente nas nossas escolas.

Do “rationale” e das características do projeto destaco a deslocação do controverso paradigma tradicional de avaliação de desempenho, sazonal, competitivo, orientado para a prestação de contas, centrado no indivíduo e em juízos e notações cujo fim último é a sua progressão na carreira, para um método de interação voluntária entre pares de professores.

O modelo proposto pelo COPA é, talvez, o que melhor combina com a idiossincrasia de um número cada vez mais expressivo de professores que, tendo atingido a sua maioridade profissional reconhecem, contudo, que não é sábio continuarem a exercer, como “artesãos solitários”, um ofício que lhes exige a detenção de cada vez mais saberes, competências e destrezas, proeza difícil de alcançar sem a criação de alianças, cumplicidades e “parcerias de campo” com os seus congéneres de profissão. Visitarem as aulas dos seus pares e convidá-los a que visitem as suas com o propósito de desocultar e partilhar dificuldades, constrangimentos e inquietações e, simultaneamente, identificar e reproduzir abordagens, metodologias, técnicas e práticas mais eficazes para o seu ensino permite aos professores desapegarem-se do seu isolamento militante, descentrarem-se relativamente ao seu trabalho individual (sobre o qual têm, não raro, uma representação distorcida), e, assim, desenvolverem uma postura analítica e investigativa conducente à melhoria das suas práticas. Acresce ainda por pares constitui um modelo com provas dadas de eficácia, sendo que a sua aplicação é, desde há muito, uma rotina instalada no processo de aprendizagem e formação contínuas noutros setores de atividade, como a medicina, o direito e a área empresarial, com resultados importantes na melhoria da qualidade dos serviços prestados.

O aspeto mais interessante da experiência pessoal: o Projeto COPA como indutor de questionamentos vitais para um professor

Observar (e deixar-me observar) em contexto de aula seguindo a metodologia proposta no projeto COPA revelou-se um percurso surpreendentemente interessante, sobretudo na sua fase inicial. Preparar o primeiro encontro com o meu observador – um docente de uma área disciplinar que não a minha – no sentido de o esclarecer sobre o referencial teórico no qual tenho vindo a alicerçar as minhas práticas letivas, envolveu-me num trabalho de questionamento, revisão e sistematização a que os professores habitualmente não se entregam, mas que reputo de essencial para a construção da profissionalidade docente. Através desta reflexão crítica sobre o processo de ensino e de tudo o que ele envolve a montante do trabalho concreto que desenvolvo com os meus alunos pude confirmar que as aulas mais não são do que produtos finais desse processo, às quais consigo imprimir maior ou menor qualidade consoante a atenção que empresto (e que me deixam emprestar) a tudo o que as antecede. Eis um conjunto de questões às quais procurei responder com honestidade intelectual e esforço científico e que penso terem contribuído para iluminar os achados da observação e orientar a reformulação de algumas das minhas práticas.

- Quais são as minhas convicções relativamente aos objetivos e finalidades da educação?
- Quais são as minhas opções face ao currículo formal, na sua face não prescrita?
- Que aspetos do currículo (na sua aceção mais abrangente) privilegio no trabalho com os meus alunos e porquê?
- Enquanto professora de língua estrangeira, quais são as minhas posições teóricas relativamente à natureza da linguagem e ao modo como um idioma pode ser adquirido/aprendido?
- O que sei sobre os mais recentes contributos da neurociência para compreender essa aquisição e potenciar o seu ensino?
- Os métodos que utilizo são congruentes com as abordagens que defendo?

- Se não consigo conceber aulas mais inovadoras e cativantes, não será porque tenho como mediadores didáticos por excelência uma planificação e um manual e possuo pouca latitude para fazer outras opções?
- Que hipóteses poderão explicar o desfasamento entre as minhas expectativas relativamente às capacidades dos alunos aprenderem outras línguas (que são elevadas) e os discretíssimos resultados que exibem no final do 3º ciclo?

Os constrangimentos: algumas recomendações para a continuidade do projeto

O desenvolvimento bem-sucedido de um projeto com as características do COPA exige um trabalho prévio de pesquisa e de estudo do referencial teórico e metodológico que o informa: rever o estado da arte, consultar guias concebidos para elucidar os interessados sobre as diferentes fases do processo e para a aquisição de competências de observação, bem como considerar os testemunhos de quem já tenha feito a experiência ajudará os professores envolvidos a perceber que a observação de aulas por pares numa perspetiva clínica, se for praticada ao gosto de cada um e num grau de informalidade excessiva, não será de grande proveito, correndo até o risco de se extinguir antes que se esgote o ciclo temporal para a sua execução plena, saldando-se apenas por um conjunto de experiências avulsas e inconsequentes, tornando-se, assim, difícil aquilatar o seu valor acrescentado para os próprios e para a organização. Entretanto, ter-se-á perdido tempo e desperdiçado recursos que poderiam ser alocados às miríades de necessidades com que as escolas sempre se debatem.

Idealmente, e porque no muito assoberbado e atomizado quotidiano dos professores é fácil instalar-se alguma desorientação, ainda antes da primeira sessão de pré-observação os pares constituídos deveriam estabelecer um cronograma onde inscrevessem, sequencialmente, todas as fases inerentes às observações agendadas e definir um protocolo que lhes servisse de guia para as suas ações. Este procedimento ajudaria os professores envolvidos a manter um elevado grau de compromisso com a execução do projeto ao longo de todas as suas fases.

Outros fatores críticos são a compatibilidade de horários dos docentes que se constituem em pares e o tempo necessário para a aplicação do modelo. Um círculo de observação de três aulas pode chegar a consumir dez horas por professor, variando

substancialmente em função do corte quantitativo ou qualitativo utilizado na recolha de dados (em grelha ou registo reflexivo), o que, por si só, constitui um sério obstáculo à mobilização de eventuais interessados. Uma forma de atrair mais professores para esta iniciativa seria a transformação de uma parte substancial do total de horas alocadas às reuniões de preparação de materiais, durante um ano letivo, num crédito horário de gestão flexível, a utilizar no âmbito do projeto. Uma vez que aquelas reuniões se destinam, também, a fazer o acompanhamento e a supervisão das práticas letivas, esta é uma proposta que me parece viável e congruente. Uma outra possibilidade, e aproveitando a vertente de desenvolvimento profissional do projeto, seria acomodá-lo numa ação de formação creditada para os professores aderentes que veriam, assim, o seu investimento reconhecido.

Coragem e Oportunidade



Vera Reis Vieira

Este projeto, enquanto metodologia de trabalho colaborativo e ferramenta de desenvolvimento profissional, constituiu, para mim, um ato de **Coragem**, pela adesão voluntária, o agarrar de uma grande **Oportunidade**, pelo desafio inusitado, a **Partilha** sincera e recíproca de saberes e de emoções, a conquista da **Autorrealização**, pelos resultados alcançados, pela qualidade dos propósitos do projeto e pela valorização continuada, por parte dos seus mentores, dos caminhos por nós percorridos.

Enquanto “prática humanista e emancipatória (...) fundada na humildade intelectual e focada na descoberta de conhecimento que sustente a renovação criativa de práticas”, restabeleceu laços de **Confiança**, permitiu **Opções** livres e conscientes, estimulou a Proatividade e proporcionou o exercício da **Amizade** na sua plenitude.

Parafraseando o grande pensador, efetivamente “**eu não posso ensinar nada a ninguém, eu só posso ajudá-lo a pensar**” e, por isso, sempre tive presente um outro que referia “**Diz todas estas coisas aos outros, mas de modo que, ao dizê-las, tu também possas ouvi-las**”, porque é mesmo verdade o que diz o sábio: “**Cada pessoa que eu encontro é superior a mim em algum aspeto sobre o qual eu aprendo algo**”.

Tecer a Confiança que nos faz crescer

Eduardo Figueiredo

[Par no projeto COPA: Helena Fonseca]

No âmbito da minha segunda profissionalização para a docência, que resolvi realizar no grupo 500 - matemática do 3º ciclo e ensino secundário, tive, no ano letivo de 2014/15, aulas assistidas quer pela supervisora da Faculdade de Ciências quer pelo meu orientador, professor da escola onde estagiei. Esta minha formação decorreu em simultâneo com a minha atividade no AE Maia, onde exercia o cargo de adjunto do diretor.

O meu colega de estágio, docente de carreira já firmada, mas no seu caso enquanto professor universitário em Coimbra, era ainda mais velho que eu. Esta singular realidade, conduziu a que tivesse muitas vezes, eu já com 45 anos, mais três docentes na minha sala. Isto teve um forte impacto em mim. Percebi que a presença de outros docentes já não era, para mim, um bicho de “sete cabeças”. Claro que houve momentos de algum nervosismo, mas a verdade é que este durava pouco pois mal começava o meu trabalho, algo a que já estava habituado há 20 anos, depressa esquecia as suas presenças. Foi uma experiência muito enriquecedora pois, além dos feedbacks positivos que fui tendo, tive a oportunidade de ser observado e de observar (o meu colega de estágio e o meu orientador de estágio) e, em consequência, refletir e discutir práticas e formas de trabalhar no ensino.

Quando surge, na ES Maia, a possibilidade de integrar o projeto COPA, no ano letivo de 2016/17, encarei-a com grande positivismo. Iria “jogar” em casa e poderia, de certa forma, continuar um processo de crescimento profissional que adviria das reflexões que o projeto me iria proporcionar, em particular com a colega Helena Fonseca, meu par neste projeto.

A escolha do meu par foi óbvia. A colega Helena Fonseca tem sido uma colega com quem há vários anos tenho trabalhado muito proximamente. É uma colega a quem reconheço elevadas capacidades humanas científicas e, mais importante, reconhecimento dos seus alunos. Esta escolha foi óbvia porquanto entendi que só poderia ganhar com a observação das suas aulas. Estava (eu) há apenas um ano a

lecionar matemática (tinha estado muitos anos só a lecionar informática) e era importante assistir a aulas de alguém a quem respeito enquanto docente.

Não me enganei. Eu e a Helena, assumimos que não iríamos complicar o processo. Não estaríamos com grelhas e documentos a ser preenchidos. Muito mais importante era observar as interações do outro com as suas turmas e, assumimos também, que cada um de nós, enquanto observador, tivesse um papel ativo durante parte das aulas. Esta colaboração ativa foi fácil de conseguir: as aulas de matemática, naturalmente, se foram organizando em momentos mais expositivos, em que o foco estava no professor titular da turma, e momentos em que os alunos resolviam exercícios ou expunham eles o seu trabalho ou conclusões, momentos estes em que ambos (eu e a Helena) circulávamos pela sala prestando auxílio e colaboração com os alunos.

Não tendo havido registos formais, houve sempre, após cada aula, um momento em que o café acompanhou a reflexão sobre as aulas. Houve, além disso, muita partilha de conhecimentos das novas ferramentas tecnológicas a usar em aula, mantendo uma constante reflexão sobre o que iríamos fazer com estas e de que forma os alunos poderiam ganhar com isso.

Em conclusão, creio que o projeto é um projeto muito enriquecedor. Contudo, gostaria também de aqui deixar claro que este tipo de partilha e colaboração, no que a mim diz respeito, só é possível quando o par seja alguém com quem tenha afinidades, profissionais e pessoais. Não deve, de forma alguma e em meu entender, ser imposto.

Escola Secundária da Maia, janeiro de 2018

Eduardo Figueiredo

Par no projeto COPA: Helena Fonseca

PROJETO COPA - “Colaborar para aprender”



Par Pedagógico

Esmeralda Gonçalves

Raquel Martins

Disciplina: Educação Física

TESTEMUNHO DA EXPERIÊNCIA

O nosso Agrupamento, em parceria com a Faculdade de Educação e Psicologia da Católica do Porto, implementou o COPA, um projeto que visa o acompanhamento na observação de aulas no contexto de uma supervisão clínica, com ênfase na formação entre pares.

A implementação deste projeto pelas suas características peculiares e inovadoras, nomeadamente, a adesão livre, a escolha do par pedagógico, o foco de observação, os instrumentos, a metodologia de observação, etc., teve por finalidade ajudar a criar uma cultura de supervisão da prática letiva, uma das áreas de melhoria que o relatório da ISEG indica como área de intervenção prioritária no Agrupamento.

Partindo das motivações que nos levaram a integrar no Projeto, traçámos um plano para a nossa prática interativa, alicerçado no aporte teórico fornecido pelos responsáveis do COPA, referente às dinâmicas de observação, complementado com outra documentação pesquisada. O desenvolvimento do projeto foi acompanhado e monitorizado superiormente ao longo do ano letivo, quer por registos em grelha após cada observação de aulas, quer em sessões presenciais.

O nosso foco de observação centrou-se na integração de duas alunas com necessidades educativas especiais (NEE's) no contexto da aula de Educação Física (E.F.) do 10º Ano de escolaridade. Um dos nossos propósitos foi refletir sobre a questão da

educação mais inclusiva, criando um espaço de diálogo com o par pedagógico, professora coadjuvante, e, numa lógica de trabalho colaborativo, debater casos concretos com vista à melhoria da nossa prática pedagógica. Implicámos os alunos nesta reflexão, sensibilizando-os para a questão da diferença e reforçar que aula de E.F. constitui um espaço privilegiado para o desenvolvimento de competências sociais, entre elas, as relações interpessoais, capazes de suscitar a participação e satisfação de alunos com níveis de desempenho muito diferentes.

A metodologia de observação recaiu sobre a observação direta de comportamentos e da sua regularidade (previstas três aulas e duas observadas), e nas opiniões proferidas pelos alunos sobre questões semi-estruturadas, que foram colocadas após a última aula observada.

Uma área de melhoria identificada foi a de sensibilizar os alunos para a importância do trabalho mais colaborativo entre pares com vista à inclusão dos alunos NEE's na aula de E.F. e a uma maior consciencialização por parte dos alunos para a questão da diferença.

O par considerou enriquecedora a experiência, a qual assentou num trabalho de reflexão, de pesquisa e de planificação conjunta (três reuniões pré observação e duas reuniões pós observação de aulas), e na valorização do papel da professora coadjuvante com formação específica em E.F, tornando o trabalho do par pedagógico mais assertivo na promoção do sucesso dos alunos com NEE'S.

É de realçar que, neste trajeto de observação de aulas sobressaiu a faceta holística e humanista do projeto "Colaborar para Aprender", proporcionando-nos um envolvimento colaborativo de reflexão sobre o desempenho profissional entre pares, gerido num clima de ajuda e confiança mútua e com espírito crítico.

Concluo o meu testemunho com um pensamento de *Émile Durkheim*: "É preciso sentir a necessidade da experiência, da observação, ou seja, a necessidade de sair de nós próprios para aceder à escola das coisas, se as queremos conhecer e compreender".

Docente: Esmeralda Gonçalves

Escola Secundária da Maia, 6 janeiro de 2018

COPA: Horizonte de descoberta e gratificação

Helena Fonseca

Em outubro de 2016 enviei a todos os docentes do AE Maia, com a intenção de motivar para a inscrição no projeto COPA, o texto que a seguir transcrevo:

Como todos sabem, a implementação de processos de supervisão nas escolas é uma medida que a IGE aponta sempre como área de melhoria.

Nós temos uma grande tendência a pensar na supervisão como uma questão de avaliação de desempenho e, naturalmente, rejeitamos tudo o que esteja relacionado com o tema.

As escolas têm vindo a adotar medidas nesse sentido, como é do conhecimento geral. Não precisamos de ir longe para encontrar escolas em que anualmente todos os professores têm aulas observadas, de acordo com formatos e calendários definidos pelos órgãos competentes.

Na ES Maia temos uma medida implementada e já enraizada na escola e que pode ser considerada uma forma de supervisão, de uma maneira que sentimos como positiva e importante: a preparação de materiais.

É o nosso espaço semanal de encontro com os colegas, de planificação de aulas e de outras atividades. É aqui que pensamos em conjunto como vamos abordar um determinado conteúdo ou como vamos construir um teste ou outros materiais.

Neste processo aprendemos uns com os outros, de uma forma natural e não intencional.

É verdade que em muitas equipas (de professores da mesma disciplina, do mesmo ano...) ainda há muito espaço para melhoria. Mas o passo que já foi dado, para a maioria, já mostrou as suas vantagens, trazendo muitos benefícios para os nossos alunos.

O passo seguinte a dar é a implementação do projeto COPA. Esta é uma forma suave de se criarem novas formas de supervisão que a tutela exige às escolas. Tal como o nome indica é, essencialmente, uma forma de aprendizagem: colaborar para aprender.

Se nós já fomos aprendendo/ensinando tanto no nosso trabalho conjunto da preparação de materiais, agora vamos fazê-lo em contexto de sala de aula.

Penso que a forma da escolha do "par" é fundamental neste processo: é alguém com quem nos sentimos à vontade e que não sentimos como uma "invasão" na sala de aula. O meu par vai, certamente, ajudar-me a prestar atenção a aspetos a que não me apercebo sozinha, a coisas que faço bem e a coisas que faço menos bem. E eu vou ajudar da mesma forma. E vou aprender. Hoje vem ele(a) assistir à minha aula e amanhã serei eu a fazê-lo, em momentos por nós acordados, num patamar de igualdade e de entreaajuda.

Tal como foi exigido por todos para a sua inclusão no nosso plano de melhoria, é um projeto que não nos vai encher de burocracias nem de papéis para preencher.

Se for assistir a uma aula do meu par por período são 6 tempos que gasto num ano. Tal como foi falado em CP, esses tempos podem ser incluídos nos 14TL de compensação anuais que temos de cumprir. Não é uma sobrecarga assim tão grande de trabalho!

Espero que o que escrevi vos incentive a inscreverem-se no projeto COPA. Eu já o fiz, é claro.

Passado mais de um ano e depois de ter integrado este projeto, pouco ou nada alteraria no texto que redigi. A minha perceção continua exatamente a mesma, pelo que opto por fazer um breve balanço da sua implementação.

O colega que foi o meu par neste projeto, para além de ser da mesma área disciplinar, é alguém com quem já trabalho, de uma forma muito próxima, há vários anos.

Sendo os dois professores de Matemática, quisemos que as nossas aulas fossem espaços de trabalho conjunto e não apenas de observação de aulas. Combinámos sempre com o outro o que iríamos fazer, que conteúdos seriam abordados, que ficha seria dada, que atenções especiais deveríamos ter em relação à turma envolvida em cada momento. Em cada uma das aulas houve um primeiro momento de transmissão de conteúdos, por parte do professor titular da turma; num segundo momento, de realização de exercícios, fomos os dois ajudando os alunos na sua resolução. Os alunos das várias turmas reagiram bem e tiraram proveito da presença de dois professores para

os ajudar em vez de apenas um, como é habitual. No final de cada aula fizemos um balanço da forma como esta decorreu.

Optámos, desde o início, por não fazer qualquer tipo de registo formal de observação de aulas. O importante era abrir a porta ao outro, refletir sobre o trabalho desenvolvido, encontrar semelhanças e diferenças na nossa forma de ensinar e de lidar com os nossos alunos.

A aprendizagem e a partilha foram uma constante, de uma forma natural e agradável, em benefício dos nossos alunos.

Depois de um ano de implementação, não tenho qualquer dúvida: em condições semelhantes, voltarei a integrar o projeto COPA.

Escola Secundária da Maia, janeiro de 2018

Helena Fonseca

Par no projeto COPA: Eduardo Figueiredo

Testemunho da participação no projeto COPA - Colaborar para aprender

Ana Paula Ribeiro⁴

Maria Amélia Sousa ⁵

Origem

Apresentado que foi este projeto aos professores do Agrupamento de Escolas da Maia, estas docentes entenderam envolver-se voluntariamente nesta iniciativa pelas seguintes razões:

- na lógica do professor reflexivo, seria a oportunidade, de após 30 anos de serviço docente, refletir sobre as suas posturas e práticas pedagógicas numa abordagem peer review;

- esta experiência de supervisão implicaria uma mudança e, eventualmente, sair de uma postura de acomodação para uma de transformação da realidade;

- ambas as docentes trabalharam, durante toda a década de 90 na formação inicial de professores, enquanto orientadoras de estágio de Francês, adstritas à Faculdade de Letras da Universidade do Porto e por isso o “bichinho” da supervisão sempre nos acompanhou sem nos assustar;

- em termos de organização e gestão escolar, a vertente da supervisão é uma ferramenta a implementar na vida das escolas independentemente das resistências, das críticas ou das intolerâncias a este processo. Por isso, valia a pena encarar este desafio e sentir esta experiência de uma forma mais despreocupada e numa atitude positiva e construtiva para a mudança, sem enfatizar os constrangimentos e as fragilidades que são inerentes a todo o processo;

- finalmente em termos pessoais, existe uma grande empatia pessoal, profissional entre as docentes o que muito facilitou e contribuiu para o desenvolvimento das atividades e para o balanço positivo da participação neste projeto.

⁴ PQND do grupo 320 do Agrupamento de Escolas da Maia - Escola Secundária da Maia.

⁵ PQND do grupo 300 do Agrupamento de Escolas da Maia - Escola Secundária da Maia.

Aulas Observadas e suas características

Levamos a cabo quatro momentos de observação em pares; os dois primeiros seguindo o protocolo comumente plasmado nas técnicas de observação de aulas e o terceiro e quarto que consistiram na apresentação de uma temática comum às duas turmas do 9ºano.

As duas primeiras aulas observadas, ambas de 45m cada, centraram-se uma na apresentação de vocabulário relativo à temática “As profissões do Turismo” e uma outra na revisão de um conteúdo gramatical e maximização de conhecimentos perspetivando-os nas experiências dos alunos (orientação vocacional). No 9ºano a aula centrou-se na contextualização dos conteúdos da unidade “Science et Technologie”, e no desenvolvimento de conteúdos lexicais e gramaticais relativos à mesma unidade, nomeadamente relembrando a formação dos advérbios de modo.

As terceira e quarta aulas foram desenvolvidas numa perspetiva colaborativa, nas quais se pôs em interação as duas turmas do mesmo ano das docentes para a elaboração e/ou realização de vídeos que refletissem conselhos ou recomendações para que a escola fosse um espaço mais ecológico. Uns grupos de alunos elaboraram slogans em cartaz e outros grupos realizaram um vídeo subordinado à temática proposta. No final foi eleito o melhor trabalho.

Foi um trabalho muito interessante do ponto de vista do aluno: tivemos alunos envolvidos, estimulados e curiosos sendo que a maioria desenvolveu os seus trabalhos de forma empenhada e criativa.

No entanto do ponto de vista do professor, foi difícil gerir as interações, as instruções e a gestão do tempo pois tratou-se de uma proposta de trabalho descentralizada que requer tempo e disciplina na sua realização, algo que quer para nós professores quer para os nossos alunos não está ainda tão rotinado quanto deveria.

Com efeito, o trabalho colaborativo por mais singelo que seja, implica ambas as partes como um todo nos seus aspetos cognitivos, relacionais e afetivos e isto ainda é um desafio, às vezes intimidatório, uma vez que no nosso sistema escolar, o currículo se situa numa lógica centralizada e a docência se alicerça quase exclusivamente na relação dos professores com os seus alunos numa orientação vertical.

O percurso nos seus diversos andamentos

Antes de darmos início à observação de aulas e a partir dos documentos fornecidos pela Dra. Ilidia Cabral, de algum know-how adquirido de alguns anos de orientadoras e de uma pós-graduação /curso de Formação Especializada em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores na área de Desenvolvimento

Curricular, elaboramos uma grelha de observação centrada nos aspetos que previamente elencamos para a nossa focalização (anexo 1).

Iniciamos então com uma observação de aulas, uma numa turma de 9º ano de Francês e uma outra numa turma de 10º ano do Ensino Profissional de Técnico de Turismo, disciplina de Comunicar em Francês. Em ambas as aulas tivemos um encontro prévio à observação, fazendo, assim, um exercício de conceptualização e construção de uma unidade didática.

No momento de pós-observação, cada uma de nós enquanto observadora, embora fazendo o retorno tradicional com os comentários característicos numa formação inicial de professores, focalizou-os no questionar e no encorajar de práticas que pudessem resultar numa aprendizagem do FLE6 mais envolvente, mais motivadora mas especialmente mais eficiente para os alunos enquanto aprendentes de uma língua estrangeira.

Segue-se de forma sucinta o desenvolvimento das nossas atividades:

1. Data e duração da observação:

- 28 janeiro, 1 de fevereiro e 10 e 15 de maio em aulas de 45m

2. Turmas envolvidas:

- 9º ano de Francês e 10º ano de Comunicar em Francês

3. Principal foco da observação:

- Gestão do tempo; clarificação das instruções dadas; adequação do ritmo de trabalho ao perfil da turma em geral e do aluno em particular.

4. Pontos fortes observados:

- Domínio dos conteúdos: distinção do essencial do acessório.
- Confiança na gestão do espaço;
- Relacionamento interpessoal na e com a turma;

⁶ Francês Língua Estrangeira

- Sintonia na filosofia pedagógica na abordagem das aprendizagens do FLE;

- Relacionamento interpares que assenta numa interação construtiva.

5. Áreas de melhoria identificadas:

- Adequação de ritmo à heterogeneidade das diferentes turmas observadas;

- A promoção de diferentes tipos de interação: o trabalho colaborativo entre os alunos e a

gestão das diferentes interações de acordo com o tempo disponibilizado para a atividade;

- Análise da auto e hetero avaliação das aprendizagens.

Principais aprendizagens realizadas pelo par pedagógico

- Consciencialização da necessidade de melhoria na gestão do tempo e no ritmo de trabalho atendendo ao perfil da turma;

- Apropriação de algumas técnicas de trabalho colaborativo para a realização das tarefas entre as duas turmas das docentes;

- Desenvolvimento da empatia profissional através da realização das diferentes tarefas para o projeto COPA;

- Sentir o lado do aluno, as suas dificuldades, as suas tensões e constrangimentos na aula e dos quais, que enquanto professor observado, nos alheamos porque estamos focados em ensinar e transmitir conteúdos;

- Apropriação de estratégias e abordagens que podemos utilizar na nossa prática pedagógica.

Alguns constrangimentos sentidos:

Apesar de considerarmos esta experiência de supervisão profícua,

- a concretização deste projeto obriga a uma empatia entre os elementos dos pares e a uma grande disponibilidade no agendamento das atividades colaborativas atendendo à carga horária dos docentes.

- o registo das grelhas, pode tornar-se, maçador e desconfortável para alguns docentes que têm dificuldade em demarcarem-se e em distinguirem o binómio Observação /Avaliação do binómio Observação/ Supervisão, encarando este desafio da observação de aulas como uma ameaça que se traduz numa intrusão do seu espaço que vai culminar, unicamente, num momento de classificação de um desempenho pontual; e não como uma oportunidade de reflexão na ação e para a ação e de desenvolvimento profissional.

Recomendações para um futuro próximo

- calendarização mais regular das reuniões no sentido de monitorizar o feed-back do trabalho desenvolvido;
- maior envolvimento da direção de forma a desmistificar a supervisão neste contexto ;
- convite à escola para uma sessão de apresentação do trabalho desenvolvido pelos intervenientes do projeto de forma a motivar e incentivar outros docentes.

Maia, 8 de janeiro de 2018

As docentes

Ana Paula Ribeiro

Maria Amélia Sousa

Anexos

Escola:	Agrupamento de Escolas da Maia – EB 2,3 de Gueifães						
Professor(a) observado(a):	Ana Paula Machado Duarte	Grupo disciplinar:		300			
Disciplina:	Francês LE2 (A1 do QECR)						
Data da observação:	30-01	Hora:	13h35	Local:	D1	Duração da observação:	45m
Ano/Turma:	7º 4	Nrº de alunos:	18	Alunos com NEE:			2
Professor(a) observador(a):	Francisco Veiga	Grupo disciplinar:					290
Objetivo(s) da observação de aulas	Diagnosticar aspetos da prática profissional da docente a melhorar, concretamente a construção de um clima de sala de aula favorável ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.						
Plano de aula (síntese)	Tema:	Unidade 2 « En famille » (Em família)					
	Conteúdos:	“Les taches ménagères” (As tarefas domésticas)					
	Competências a trabalhar:	Compreensão oral/escrita; produção oral / escrita.					
	Atividades:	Escutar / ler / observar / interagir oralmente / escrever					
	Recursos:	Manual; vídeo « Le chien qui fait tout à la maison » ; ficha formativa					
	Avaliação:	Observação direta					
Foco(s) de observação	I. Fomento de um clima de sala de aula favorável ao ensino-aprendizagem. II. Otimização do uso do tempo de ensino-aprendizagem (a observar em 06-03).						
Comunicação aos alunos da presença de um observador	No início da aula a observar; indicar o motivo da sua presença, destacando que está ali para observar o desempenho da docente e não dos alunos; esclarecer de que não intervirá na aula.						
Tipo de observação	Observação individual participante, naturalista (o observador será a “mosca na parede”), semiestruturada, com objetivo exploratório.						

Instrumentos de registo da observação:	Descrição intensa da realidade observada (factos, acontecimentos, comportamentos, práticas, incidentes...), escrita sob forma de notas e orientada por um guia de observação (ver Anexo 1).
Feedback	Reflexivo, orientado para a identificação de pontos fortes e de aspetos passíveis de melhoria.

O professor observador _____

A professora observada _____

Anexo 1 – Guia de observação de aula

Foco I: Fomento de um clima favorável à aprendizagem			
<p>Observação das condições, dinâmicas, ações e decisões da docente que concorrem para a criação de um clima favorável à aprendizagem e ao ensino. Inclui aspetos do ambiente físico (características da sala onde decorre a aula, disposição, quantidade e qualidade dos equipamentos disponíveis), as interações entre os estudantes / professor / estudantes e a participação ativa dos alunos na aula.</p>			
Indicador	Sim	Não	Não se aplica
1. Os recursos pedagógicos necessários ao desenvolvimento dos processos de aprendizagem (computador, projetor e respetivo comando) funcionam pronta e eficazmente.			
Notas:			
2. A organização espacial da sala, a disposição dos equipamentos (quadro, projetor, tela), bem como do mobiliário favorece a participação dos alunos de forma organizada e tranquila, as interações alunos / docente / alunos, bem como a monitorização do trabalho por parte da docente.			
Notas:			
3. A docente estabelece rotinas em momentos distintos da aula (entrada e saída da sala de aula, constituição de grupos de trabalho, trabalho de pares...).			
Notas:			
4. As instruções dadas aos alunos são precisas e possibilitam o trabalho autónomo dos alunos.			
Notas:			

Anexo 1 – Guia de observação de aula

Indicador	Sim	Não	Não se aplica
5. A docente dirige-se aos alunos num tom de voz claro e audível para todos.			
Notas:			
6. A docente gere as interrupções que ocorrem durante a aula sem perder o foco do processo de ensino-aprendizagem em curso.			
Notas:			
7. Quando a dinâmica da aula assim o exige, a docente relembra as regras para a participação dos alunos (importância de ouvir e respeitar o tempo de intervenção de pares e professor).			
Notas:			
8. A maioria dos alunos mostra interesse e participa com respeito pelas regras da sala de aula.			
Notas:			
9. A docente regula as condutas disruptivas dos alunos de acordo com as normas convencionadas no R.I.			
Notas:			
10. A docente utiliza diferentes estratégias na prevenção / resolução de condutas disruptivas.			
Notas:			

Anexo 1 – Guia de observação de aula

Indicador	Sim	Não	Não se aplica
11. A docente comenta positivamente os comportamentos adequados.			

Notas:

12. Outros

Notas:

Comentários / Observações:

O observador: _____

Anexo 2 – Cronograma de observação de aulas

		Jan / Fev				Fev Março				Março				Abril / Maio				Junho		
		Turma	Dia	Hor.	Local	Turma	Dia	Hor.	Local	Turma	Dia	Hor.	Local	Turma	Dia	Hor.	Local	Dia	Hor.	Local
1.	Sessão de pré-observação de aulas		25	18.35	SP		16	18.35	SP		8	18.35	SP		26	18.35	SP			
2.	Observação de aulas	7º 4	30	13.35	D1	9º18	18	13.35	A5	7º 4	13	13.35	D1	9º18	28	13.35	A5			
3.	Análise dos dados recolhidos																			
4.	Sessão de pós-observação		1	18.35	SP		23	18.35	SP		15	18.35	SP		3		SP			
5.	Sessão de avaliação global																		26	

Escola:	Agrupamento de Escolas da Maia – EB 2,3 de Gueifães									
Professor(a) observado(a):	Francisco Veiga						Grupo disciplinar	290		
Disciplina:	Educação Moral e Religiosa Católica									
Data da observação:	30-01	Hora:	17h45	Local:	A7	Duração da observação:	45m			
Ano/Turma:	7º 1	Nrº de alunos:	?	Alunos com NEE:				?		
Professor(a) observador(a):	Ana Paula Machado Duarte				Grupo disciplinar:				300	
Objetivo(s) da observação de aulas	...									
Plano de aula (síntese)	Tema: Conteúdos: Competências a trabalhar: Atividades: Recursos: Avaliação:									
Foco(s) de observação	Foco I: Foco II: ...									

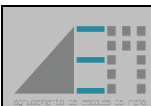
Comunicação aos alunos da presença de um observador	No início da aula a observar; indicar o motivo da sua presença, destacando que está ali para observar o desempenho da docente e não dos alunos; esclarecer de que não intervirá na aula.
Tipo de observação	Observação individual participante, naturalista (o observador será a “mosca na parede”), semiestruturada, com objetivo exploratório.
Instrumentos de registo da observação:	Descrição intensa da realidade observada (factos, acontecimentos, comportamentos, práticas, incidentes...), escrita sob forma de notas e orientada por um guia de observação (ver Anexo 1).
Feedback	Reflexivo, orientado para a identificação de pontos fortes e de aspetos passíveis de melhoria.

A professora observadora _____

O professor observado _____

Anexo 1 – Guia de observação de aula

Foco I:			
Indicador	Sim	Não	Não se aplica
1. ...			
Notas:			
2. ...			
Notas:			
3. ...			
Notas:			
4. ...			



Notas:

Anexo 1 – Guia de observação de aula

Indicador	Sim	Não	Não se aplica
5. ...			
Notas:			
6. ...			
Notas:			
7. ...			
Notas:			
8. ...			
Notas:			
9. ...			
Notas:			
10. ...			
Notas:			



Anexo 1 – Guia de observação de aula

Indicador	Sim	Não	Não se aplica
11. ...			
Notas:			
12. ...			
Notas:			

Comentários / Observações:

A observadora: _____

Anexo 2 – Cronograma de observação de aulas

	Jan / Fev				Fev				Março				Abril / Maio				Junho		
	Turma	Dia	Hor.	Local	Turma	Dia	Hor.	Local	Turma	Dia	Hor.	Local	Turma	Dia	Hor.	Local	Dia	Hor.	Local
1. Sessão de pré-observação de aulas		25	18.35	SP		16	18.35	SP		8	18.35	SP		26	18.35	SP			
2. Observação de aulas	7º 1	30	17.45	D7	9º 16	17	11.45	D6	7º 1	9	17.45	D7	9º 18	27	11.45	D6			
3. Análise dos dados recolhidos																			
4. Sessão de pós-observação		1	18.35	SP		23	18.35	SP		15	18.35	SP		3		SP			
5. Sessão de avaliação global																	26		

Reunião Pré - observação	1ª Aula Observada	Reunião Pós - observação
24 novembro/2016 17.00h - 18.00h	30 novembro/2016 17h - 17.45h = 1tl Disciplina : PO Turma: TMIE2	30 novembro/2016 18.00h – 19.00h

Reunião Pré - observação	2ª Aula Observada	Reunião Pós - observação
02 dezembro/2016 18.45h - 19.00h	06 dezembro/2016 15h - 15.45h = 1tl Disciplina : PO Turma: TMIE1 (NEE)	06 dezembro/2016 17.45h – 18.30h

Reunião Pré - observação	3ª Aula Observada	Reunião Pós - observação
03 janeiro/2017	10 janeiro/2017 15h -15.45h = 1tl Disciplina : PO Turma: TMIE1 (NEE)	11 janeiro/2017 18.00h- 19.00h

Docente Observada: Vera Reis Vieira		
Reunião Pré - observação	1ª Aula Observada	Reunião Pós - observação
24 novembro/2016 18h- 19h	30 novembro/2016 (mas vais à aula no dia 06 dez) 13.35h- 14.25h = 1tl Disciplina: Português Turma: TMIE2	02 dezembro/2016 11.35h – 12.35h

Reunião Pré - observação	2ª Aula Observada	Reunião Pós - observação
02 novembro /2016 18.45h-19.00h	06 dezembro/2016 10.05h - 11.45h = 1tl Disciplina : Português Turma: TMIE1 (NEE)	07 dezembro/2016 18.00h – 19.15h

Reunião Pré - observação	3ª Aula Observada	Reunião Pós - observação
18 janeiro /2017 18.00h-19.00h	24 janeiro/2017 10.05h - 11.45h = 1tl Disciplina : Português Turma: TMIE1 (NEE)	24 janeiro/2017 18.00h – 19.00h

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA			
Turma	Módulo:	Data	Hora
TMIE1	Serralharia de bancada	06/12/ 2016	15.15 h - 16.00h
Disciplina	Professora Observada: Mónica Cardoso		
Praticas Oficiais			

I. PREPARAÇÃO DA AULA

Diversidade, adequação e correção científico-pedagógicas das metodologias e recursos utilizados

1. Adequação das metodologias utilizadas.

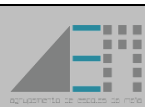


2. Correção científico-pedagógica das metodologias utilizadas.



3. Utilização de recursos diversificados.





ESCOLA EB 2, 3 DE GUEIFÃES

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO DE AULAS EM PARCERIA

25-01-2017

4. Correção e eficácia científico-pedagógica dos recursos utilizados.



5. Recurso a fundamentação adequada (bibliografia, conteúdos digitais, etc.).



II. REALIZAÇÃO DA AULA

A - Capacidade de comunicação e estímulo do interesse dos alunos pela aprendizagem

1. Solicita a cooperação dos alunos.



2. Faz o aproveitamento pedagógico das intervenções dos alunos.



3. Mantém os alunos ativos e empenhados.



4. Relaciona os conteúdos lecionados com conhecimentos prévios / vivências dos alunos.



5. Utiliza uma linguagem rigorosa e adequada ao nível etário.








6. Reformula questões/instruções.








7. Cumpre uma sequência lógica nos diversos momentos da aula.



B - Utilização de recursos inovadores, incluindo as tecnologias de informação e comunicação

1. Utiliza atividades e materiais de apoio diversificados. 
2. Fornece aos alunos orientações de pesquisa, organização, tratamento e/ou produção de informação. 
3. Incentiva os alunos à utilização das tecnologias de informação e de comunicação, sublinhando as suas vantagens, exemplificando e indicando procedimentos adequados. 
4. Mobiliza para as aulas recursos e materiais do foro das tecnologias de informação e de comunicação, sempre que possível. 
5. Utiliza uma linguagem rigorosa e adequada ao nível etário. 

C - Promoção do trabalho autónomo dos alunos e da aquisição de métodos de estudo

1. Propõe atividades aos alunos, indicando os respetivos métodos e objetivos. 
2. Dá informação fundamentada sobre os trabalhos propostos. 
3. Faz sínteses organizadas em momentos oportunos. 
4. Sistematiza pontos principais da aula. 
5. Propõe estratégias de aprendizagem diferenciadas para alunos com necessidades educativas especiais. 

6. Avalia o grau de concretização dos objetivos pelos alunos e fornece feedback.



D - Utilização da sala e dos recursos e/ou equipamentos e manuseamento dos materiais

-
1. Distribui os alunos de forma adequada à tarefa a realizar.



2. Monitoriza a utilização dos equipamentos e/ou dos materiais, assegurando a preservação dos equipamentos e a segurança dos alunos.



3. Utiliza os recursos de forma eficaz, estimulando a aprendizagem.



4. Interage com os alunos de uma forma que os desafia a evoluir e os mantém centrados na tarefa.



5. Revela habilidade para alterar as estratégias se os alunos não executam as tarefas de acordo com as orientações iniciais.



III. RELAÇÃO COM OS ALUNOS

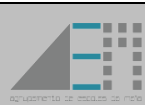
A - Promoção de um clima favorável à aprendizagem, ao bem-estar e ao desenvolvimento afetivo, emocional e social dos alunos

-
1. Motiva os alunos, destacando a viabilidade e o interesse das tarefas a realizar.



2. Procura incrementar a autoestima e segurança dos alunos.





3. Trata os alunos de forma justa e equitativa, estabelecendo uma relação de respeito mútuo.



4. Demonstra abertura para discutir com os alunos os problemas/dificuldades da turma.



5. Utiliza formas de reforço positivo.



B - Concessão de iguais oportunidades de participação, promoção da integração dos alunos e da adoção de regras de convivência, colaboração e respeito

1. Solicita a intervenção dos alunos de forma equilibrada, evitando protagonismos excessivos.



2. Promove a interação entre os alunos.



3. Cria um clima de respeito pela diferença.



4. Estabelece normas de conduta na sala de aula.







5. Utiliza uma linguagem socialmente adequada e inclusiva.



6. Lembra, se e quando necessário, as normas de comportamento que devem ser observadas na sala de aula.



C - Equilíbrio no exercício da autoridade e adequação das ações desenvolvidas para a manutenção da disciplina na sala de aula

1. O docente revela tranquilidade e firmeza nas suas diretivas. 
2. O docente promove a intervenção disciplinada dos alunos. 
3. O docente estimula uma atitude adequada dos alunos na sala de aula. 
4. O docente intervém de forma a fazer cumprir as regras de convivência definidas. 

APRECIÇÃO GLOBAL

Pontos fortes observados

- Partilha de práticas pedagógicas.
- Bom acolhimento por parte dos docentes envolvidos.
- Partilha de saberes e estratégias focada na realização da prática letiva.
- Bom relacionamento com os alunos.

Pontos de possível melhoria

- Estratégias pedagógicas no que concerne ao trabalho com alunos de necessidades educativas especiais.

Formas de superar as dificuldades

- Formação na área das necessidades educativas especiais.

A Docente Observadora: Vera Reis Vieira

A Docente Observada: Mónica Cardoso

Data: 06 / 12 / 2016

REGISTO DA REUNIÃO DE PRÉ-OBSERVAÇÃO

DOCENTE OBSERVADA	DISCIPLINA	TURMA	DATA	HORA
Vera Reis Vieira	Português	TMIE2	30 / 11/ 2016	13.35 h - 14.25h

Sumário

Continuação do estudo do Sermão de Santo António aos Peixes:

- visionamento e comentário de um PowerPoint sobre o capítulo V.
- leitura e análise do capítulo V.

1. Contextualização da aula

Módulo 6: Textos Argumentativos

- Sermão de Santo António aos Peixes

Este módulo privilegia o discurso argumentativo, salientando os processos de expressão de um tema, de progressão de um raciocínio, tendo como suporte os meios e modos de argumentação.

No âmbito das competências a desenvolver neste módulo, o aluno é convidado/estimulado a protestar/reclamar.

Competências visadas

A- Competências transversais

Formação para a cidadania: construção de uma identidade pessoal e cultural através da reflexão sobre ideias, motivações e ações; desenvolvimento de capacidades de atuação democrática e solidária.

B - Competências nucleares	Conteúdos
Leitura	Reclamação/protesto

Leitura literária	(Discurso político)
	<i>Sermão de Stº António aos Peixes</i> , Pe António Vieira (excertos)
Compreensão Oral	Discurso político
	Documentários, <i>Sermão de Stº António aos Peixes</i> em CD
Expressão Oral	Textos argumentativos e expositivo-argumentativos
Expressão Escrita	Reclamação/protesto
	Textos argumentativos e expositivo-argumentativos

Este módulo pretende contribuir, de forma decisiva, para a construção de uma cidadania democrática e participativa, reforçando práticas de argumentação, de reclamação e de protesto, promotoras de um desempenho cívico ativo, fundadas em valores como a liberdade de expressão e de informação.

A argumentação procura interpretar situações específicas, verifica a adesão e a intencionalidade, solicita juízos críticos avaliando o impacto da escolha de determinado raciocínio.

O recurso às novas tecnologias pela sua crescente importância nas tarefas diárias destes alunos (já que se trata de um Curso Profissional), a relevância desta ferramenta em contexto pessoal e/ou profissional (consequente inserção no mundo do trabalho), é uma opção por mim valorizada, tendo vindo a ser realçado, contudo, que mais importante do que se saber utilizar, por exemplo, um computador, é o facto de se aprender com ele e de conseguirmos colocá-lo ao nosso serviço, como instrumento facilitador e potenciador do desenvolvimento de outras competências, essenciais para uma melhor inserção social e profissional destes jovens.

2. Antecipação de dificuldades

Anomalia nos equipamentos a utilizar

Testei os equipamentos (computador, videoprojetor, acesso à internet) que se encontravam em condições de utilização, no entanto não excluo a hipótese de qualquer avaria ou anomalia no sistema, em cima da hora, como já aconteceu. A suceder qualquer impedimento, tentarei colmatar o eventual incidente, fornecendo o material em suporte digital para posterior visionamento, enviando-o para o e-mail dos alunos, e em suporte de papel, para utilização na aula, a fim de que se minimizem as perdas nos objetivos a alcançar.

Comportamentos/attitudes inadequados de alguns alunos

- Nº 9, Diogo Costa - está a atravessar um período difícil, está tão frustrado devido aos problemas familiares que pretende abandonar o curso. Pode não colaborar nas atividades propostas.
- Nº10, Fábio Duarte - é um aluno muito introvertido, com uma vida familiar muito problemática, traumatizante até, e poderá, eventualmente, recusar-se a colaborar. Como Diretora de Turma, tenho acompanhado o seu percurso, tentando ajudá-lo, incentivando-o e disponibilizando-lhe atenção, transmitindo-lhe confiança, ações que me parecem ser fundamentais para a sua segurança e autoestima;
- Nº23, Rúben Cramês - inexplicavelmente, evidencia alterações de humor que se traduzem em comportamentos indesejáveis e desajustados e atitudes reflexivas de uma certa imaturidade. Pode interromper os colegas, não os deixando falar, querendo todas atenções centradas em si.

Tenho tido o cuidado de evitar situações que, de algum modo, possam favorecer ou potenciar condições motivadoras de comportamentos perturbadores do clima desejado de aprendizagem, imediatamente depois da ocorrência, para que se desvançam ou minimizem, através da interação com cada um deles, promovendo os seus saberes e competências, valorizando o domínio afetivo, pelo impacto que exerce sobre estes alunos.

A Docente Observadora: Mónica Cardoso

A Docente Observada: Vera Reis Vieira

Data: 24 / 11 / 2016

PROJETO COPA – COLABORAR PARA APRENDER

REFLEXÃO FINAL



Agrupamento de Escolas da Maia - Escola Secundária da Maia



EDUCAÇÃO

Colaborado por



Guião de observação de aula 2016-2017

PAR PEDAGÓGICO; Ana Paula Ribeiro e M ^a Amélia Sousa			
Nome do professor observado: _____			
Data: ____/____/____ Turma e ano: _____ Disciplina: _____			
	Indicadores	SIM	NÃO
Planificação/Organização/ Estratégias	Organiza e gere a aula atendendo à diversidade dos alunos		
	Diversifica as atividades de trabalho (trabalho individual, pares ou grupo)		
	Cria oportunidades que promovem o trabalho cooperativo e de entreajuda entre os alunos.		
	Propõe atividades de aprendizagem adequadas aos objetivos propostos		
	Integra tecnologias de informação e comunicação nas aulas		
Comunicação	Apresenta de forma clara as aprendizagens a realizar em termos de conteúdos e objetivos		
	Estabelece relações entre os conteúdos abordados nas aulas com outros saberes ou conteúdos		
	Fornece instruções de forma clara.		
	Ouve, analisa e responde aos alunos.		
	Estimula o entusiasmo pela aprendizagem		
	Avalia o grau de concretização dos objetivos pelos alunos e fornece feedback		
	Promove diferentes tipos de interação.		
Relação Pedagógica	Estimula e reforça a participação de todos os alunos.		
	Promove a auto estima do aluno do aluno com reforço positivo.		
	Gere com segurança e flexibilidade situações problemáticas e conflitos interpessoais.		
	Organiza e disponibiliza recursos		
Avaliação das aprendizagens	Proporciona momentos aos alunos para que apliquem os conhecimentos.		
	Propõe outras tarefas aos alunos em função de erros e dificuldades identificadas.		
	Comunica/ analisa com os alunos os resultados das avaliações das aprendizagens.		
	Explicita os critérios de avaliação de forma clara.		
Rubrica do Observador _____ Rubrica do professor _____			

PAR PEDAGÓGICO; Ana Paula Ribeiro e M^a Amélia Sousa	
Nome do professor observado: _____	
Data: ____/____/____ Turma e ano: _____ Disciplina: _____	
Comentários	
Impressão Geral	
Pontos Fortes	
Pontos a melhorar	
Observações	
Rubrica do Observador _____ Rubrica do professor _____	